



VIDRAÇAS PINTADAS NA IGREJA DE S. GOTHARDO EM RUÃO.

ENTRE as artes subsidiarias da architectura gothica, que concorriam para a magestade e esplendor dos edificios deste genero, tem lugar distincto a arte de pintar ou illuminar as vidraças com representações de factos historicos, ou d'outros quaesquer objectos. Diz-se commummente que a epocha da perfeição deste trabalho foi o comêço do seculo 15.<sup>o</sup>, e que um pintor de Marselha fôra, senão o inventor, o artifice que o levára ao maior apuro e delicadeza. Com a introdução do gosto greco-romano e adopção da architectura italiana, modelada segundo a daquellas duas nações antigas, foram cahindo em desuso as vidraças de côres nas janellas e espelhos das igrejas, e sem rasão, porque eram um formoso ornamento, que com o reflexo da luz variadamente coráda dava certa belleza, e ao mesmo tempo gravidade, ao interior dos templos.

No grandioso mosteiro da Batalha (\*) uma das cousas que muito excitam a curiosidade dos espectadores (:) «são as vidraças, que guarnecem e cerram as frestas da igreja, capella real e capitulo, as quaes todas mostram uma especie de illuminação ou

pintura de vivas e finissimas côres em que se veem representados alguns passos da vida de Jesu-Christo e da Santissima Virgem sua mãe, e outros das sagradas historias, bem como, em logares competentes, os escudos de armas, emblemas, divisas e letras d'elrei D. João 1.<sup>o</sup>, de seus illustres filhos, e d'elrei D. Manuel, e por acaso alguns outros ornamentos caprichosos, sem particular allusão ou significação conhecida.

«Estas vidraças, que hoje se acham mui damnificadas e já, a logares, suppridas por vidros ordinarios, ainda comtudo vistas com boa luz, e de logar e distancia conveniente, produzem o mais bello e agradavel effeito, e causam um certo grau de admiração no espectador, tanto pela novidade e raridade do objecto, como pela opinião, que facilmente se concebe, de serem aquelles desenhos e bellissimo colorido entranhados na massa do proprio vidro e não obra de pintura ou illuminura, meramente externa e sobreposta.

«Esta opinião todavia nos parece errada. Nós tivemos oportunidade de haver á mão alguns pequenos fragmentos daquellas vidraças, e examinando-os de perto, ficámos plenamente convencidos de que a massa do vidro nada tem de singular na sua intrin-

(\*) Vide a noticia sobre este edificio nos 1.<sup>os</sup> n.<sup>os</sup> deste vol.

(:) Vide Mem. hist. sobre as obras do R. Mosteiro de S.ta Maria da Victoria, pelo Ex.<sup>mo</sup> patriarcha eleito.

seca composição, senão somente, ao que parece, um grau de consistencia e solidez superior ao que geralmente se acha nos nossos vidros ordinarios de igual grossura; e que toda a sua bella apparencia e representação é mero effeito da illuminura ou pintura sobreposta, a qual em desenho e colorido imita muito a que no seculo 15.<sup>o</sup> se usou frequentemente em pergaminho, e de que temos exemplos nos bellos manuscritos daquella idade: sendo porem esta das vidraças praticada com tal arte que não obstante terem ellas soffrido em alguns logares o embate violento dos ventos e das tempestades, e a humidade do logar e das nevoas e chuvas, e isto por alguns seculos, nada disto tem bastado para alterar ou danificar a pintura, nem para demudar a formosura e viveza de suas lindas e finissimas côres.

« Dizemos por alguns seculos; porque tendo reflectido d'espaco nestas vidraças e observado attentamente o character da pintura, os objectos representados, a uniformidade ou variedade do desenho e colorido, e até os seus mais particulares ornatos e letras, temos por certo que a maior parte das que ainda restam, e ora existem na igreja e capella real, foram obra dos tempos immediatos á fundação, renovada e reformada em parte, e segundo a necessidade em tempo d'elrei D. Manuel, e que as do capitulo são inteiramente deste ultimo reinado, depois do qual nos parece não ter havido nas vidraças mais que concertos ou retoques parciaes e de mui pouca importância, os quaes nos deixaram inteiro o desenho e colorido antigo [que por ventura já não sabiam imitar] e todo o character primitivo deste genero d'obra.»

Os mestres das vidraças da Batalha foram: mestre Guilherme, de quem se faz menção em documentos dos annos de 1448, 1463, e 1473: mestre João, ora com o epitheto de *vidraccio*, ora com o de *vidreiro*, que apparece n'um documento de 1489 e n'outros até o anno de 1528, em que se vê ter de proximo fallecido: mestre Antonio Taca, posterior quatro ou cinco annos ao mestre João, datando a primeira noticia que delle ha de 1532, e constando que era morto em 1543: Antonio Taca 2.<sup>o</sup>, filho do precedente, e denominado o moço, fallecido em 1596: Antonio Taca 3.<sup>o</sup>, que se conjectura ser neto do primeiro e successor de seu pai e avô nessas obras: por ultimo Antonio Vieira, a quem um documento de 1617 dá o titulo de vidraceiro das mesmas obras, e que por outro de 1659 consta ter passado da vida presente nesse ou no anterior anno (\*\*).

Não foi, pelo que de antigas memorias se collige, muito vulgar entre nós a arte de pintar ou illuminar vidraças, posto que se fizessem no reino, segundo a moda do tempo e tão perfeitas como as estrangeiras, e em muitos edificios antigos fossem collocadas na epocha da sua edificação. Assim como nos outros paizes, neste nosso acabou aquella moda, a pontos de se acreditar que a arte estava de todo extincta: porem achamos que [sem contar outros exemplos, ainda que poucos] no seculo passado houve artistas peritos neste genero de trabalho em Inglaterra, e muitos, que fizeram varias obras existentes nesse paiz, cujo catalogo não damos por não enfiar: não ommittiremos comtudo, por serem dos nossos dias, Muss, que falleceu em 1824, e pintou para Sir Thomas Baring a Assumpção da Santa Vir-

(\*\*) Note-se que Murphy dá como mestres das vidraças, Ugado e Wtaker, estrangeiros, citando uma lapida de sepultura, que não existe com a inscripção que elle aponta: sobre esta materia é interessante a nota da Memoria hist. sobre a Batalha, no fim do capitulo 2.<sup>o</sup>

gem, copia de Murillo, a batalha de Neville Cross no castello de Brandspelt, varias vidraças de janelas em Eaton Hall, morada do marquez de Westminster e outras mais: Miller, que imita muito o estilo antigo; Hoadeley e Oldfield, que ainda viviam em Fevereiro do anno passado, e que provavelmente ainda serão vivos, artistas distinctos pela miudeza, e bem acabado das suas obras ainda nas circumstancias mais diminutas, e que tem feito bellas copias das bem conhecidas e imaginosas gravuras de Martin, e uma das *tres virtudes theologaes* de Reynolds para Carlos X, quando rei de França. Wilmshurst, Nixon, Evans trabalham com acceitação no mesmo genero. Donde se collige que com menos fundamento se tem dito [assim como a muitos respeitos] que estava perdida a pericia e o segredo de illuminar as vidraças, ou de as fazer de fórma que representem coloridos passos historicos ou phantasias, para se collocarem em frestas, janellas ou clarraboias: os inglezes chamam ao vidro assim preparado *stained glass*.

Não deixaremos por explicar a acção que representa a gravura na frente deste artigo. Ha uma lenda antiga na Normandia que relata que S. Romão ou Romano era bispo de Ruão, quando nos contornos desta cidade appareceu um monstro horrivel com azas e figura de dragão, que não era farto de carne humana, e inficionava os ares e talava os campos. Resolveu-se o santo a dar cabo desta praga, e vendo que eram inuteis cepos, ratoeiras e armadilhas para o tomar, foi-se á floresta, onde a prodigiosa fera se acoutava, levando em sua companhia dois criminosos; um destes, que estava condemnado á morte, fugiu mal viu o dragão, mas o outro, cujo delicto e pena eram menos graves, tomou a estola do santo prelado [outros dizem que o cinto] e acometteu o monstro, que assim ficou prostrado, que com ella o pôde amarrar, e conduzi-lo á praça publica de Ruão, onde foi queimado com grande alvoroço e alegria do povo, e as cinzas se deitaram no rio Sena bem no meio da corrente. — Alguns dos nossos leitores talvez que se lembrem de ter visto algumas imagens de S. Romão com um dragão pintado ao pé, assim como ha estampas de S. Jorge de Cappadocia combatendo a cavallo contra outro semelhante monstro de espantosas fauces abertas, feio aspecto, azas rijas e escamas impenetraveis.

#### GEOGRAPHIA PHYSICA.

##### 3.<sup>o</sup>

DISSEMOS que os ventos são a terceira causa do movimento das aguas no oceano, pondo-a nós em terceiro logar por ser de maior importancia. — É um principio de physica, que as particulas de qualquer fluido carregam igualmente em toda a direcção; do que resulta que apenas uma porção da superficie da agua é agitada pelo vento, logo a agua immediata corre a restabelecer o equilibrio perdido: — eis a causa unica das *ondas*. Communicado assim um impulso violento prosegue a agitação das vagas ainda depois de ter amainado o vento do temporal, á feição dos corpos suspensos por uma corda ou fio, que continuam a mover-se ainda depois de cessar a causa que os poz em acção. A agitação dos ventos sobre o mar é comparativamente tão superficial, isto é, penetra tão pouco a agua que, no temporal mais desfeito, acha-se a mesma em perfeita quietação a trinta braças de fundo.

Esta ultima causa do movimento do mar nos leva a tractar dos ventos; queremos dizer, — das agita-

ções e movimentos do mar, cingindo-nos tão sómente ao que tem relação com as correntes atmosphéricas. Qualquer mudança na temperatura de uma porção de ar — qualquer augmento ou diminuição na quantidade de agua que elle mantém em estado de evaporação: em summa, qualquer circumstancia que o faça contrahir ou estender, destroe o equilibrio que existe entre as differentes partes que compõem a atmosphera, seguindo-se uma agitação de ar a que chamâmos *vento*, o qual se vai communicando até o sitio em que se destruiu a balança que mantinha a a atmosphera em repouso.

A agitação do ar é proporcionada á causa que a produz; — tem maior ou menor velocidade; maior ou menor força; e a estes graus dâmos nós differentes nomes, que são applicados com tão pouca exactão que não é facil assignalar-lhes os respectivos graus de força e velocidade. Aqui os designaremos n'uma escala de gradação, suppondo em cada um delles duplicada força comparado com o que o antecede.

A seguinte tabella da força e velocidade perpendicular de cada grau de vento é extrahida do tomo 55 das *Transacções Philosophicas*, e fundada em grande numero de factos e experiencias.

Nome das forças de cada vento.	Velocidade de cada vento.	Força perpendicular de cada pé cub. em lb.
	Milhas em 1 hora.	Decimos.
Vento apenas perceptivel. }	1	.005
Vento suave. }	4 5	.079 .123
Brisa ou vento geral ... }	10 15	.492 1.107
Vento forte. }	30 35	4.429 6.027
Borrasca. ....	50	12.300
Furacão .... }	80 100	31.490 49.200

Os ventos podem ser divididos em tres classes: — os que correm *constantemente* na mesma direcção; — os *periódicos*, que correm em certas estações, e os *variaveis*.

Os ventos constantes ou permanentes são os que sopram entre os dois tropicos, e quatro ou cinco gr. fóra delles: — denominam-se ventos geraes. A sua direcção ao norte do equador é de nordeste com mui pouca variação; e ao lado do sul, de sudoeste. A causa destes ventos é a seguinte: — o calor poderoso da zona torrida, rarifica e aligeira o vento d'aquella região; e produzindo esta rarificação a elevação do ar, vem substituir-lhe o lugar a atmosphera que corre até o equador, mais fria e pesada, de cada uma das duas zonas temperadas. Estes ventos do norte e sul passam [como já dissemos que acontece com as correntes polares do oceano] de regiões, aonde o movimento rotatorio da superficie da terra é menor, ás regiões tropicas, aonde é maior. Não podendo estes ventos adquirir promptamente nova e maior velocidade ficam atraz, e em lugar de seguirem direitos para o equador, tomam a direcção do nordeste e sueste, obrigados a isso pelo movimento rotatorio da superficie da terra entre os tropicos.

Bem sabido é por quantos teem passado a linha que, desde o segundo grau de latitude sul até cinco de latitude norte, ha frequentes e mui enfadonhas calmarias, ás vezes acompanhadas de curtas porem fortes tempestades. — Estes sete graus [com pouca differença] junto ao equador, formam o espaço entre os limites *internos* das duas brisas tropicaes. A razão porque este espaço comprehende apenas dois graus ao sul, em quanto se estende até cinco ao norte, é provavelmente o maior calor do hemispherio do norte, que produzindo a prompta rarefacção deste vento, e sendo mais frio o do outro hemispherio, avança mais até a linha equinocial. Os limites externos dos ventos geraes, ou brisas tropicaes, podem marcar-se aos trinta graus de latitude respectiva; porem quasi nunca chegam aos mesmos limites quando o sol se aproxima ao tropico mais proximo. Quanto mais vasto e extenso é o oceano, isto é, quanto mais afastado se acha da terra, tanto mais constantes são os ventos geraes. É por isso que communmente se navega desde as Canarias até Venezuela sem se sentir o movimento das velas; bem como é um prazer atravessar o Pacífico, em poucas semanas, desde Acapulco até ás Philippinas. — Na costa do Chili e Perú ha um vento sul tão constante e igual, que a pessoa que navegar em embarcação conhecida-mente ligeira de Penco a Valparaiso, póde saber quasi ao certo o dia em que deve chegar a Calbau, a Guayaquil, e até ao Panamá.

A interrupção que os ventos geraes experimentam no oceano índico foi um phenomeno bem curioso para os primeiros navegadores europeus, que viram destruida a uniformidade dos movimentos tropicaes da atmosphera pelas *monções*, palavra da lingua malaya que significa estação (\*). As monções correm seis mezes n'uma direcção, e outros seis na direcção opposta, entrando por isso na classe dos ventos *periodicos*. Desde o terceiro grau de latitude sul até o norte sopra d'Abril a Outubro vento sudoeste, e por oeste deste mez áquelle, estendendo-se semelhantes monções a todo o mar da China. Do terceiro ao decimo grau de latitude sul cursa vento noroeste desde Outubro até Abril, e sudoeste durante os outros mezes. Estas duas monções teem maior força e regularidade no mar da ilha de Java.

Para maior intelligencia deste phenomeno cumpre advertir em primeiro logar que as taes monções do norte e sul do equador não são mais do que ventos geraes, com a unica differença de soprarem cada seis mezes em direcção opposta. Observar-se-ha em segundo logar que a monção sudoeste no hemispherio do norte, bem como a noroeste no do sul existem apenas em quanto o sol está perpendicular ás suas regiões, o que mostra evidentemente ser a influencia d'aquelle astro quem origina as referidas monções. Se o oceano índico não tivesse, como tem, uma barreira de terra pelo norte, os ventos geraes seriam alli tão constantes como nos oceanos Atlantico e Pacífico. — Bem sabido é que os raios do sol aquecem mais a terra do que a agua, e consequentemente quando o sol gyra pelo tropico de Cancer,

(\*) *Mousão*, a que hoje damos o nome de *monção*, chamâmos nós ao tempo proprio para navegar — aos ventos geraes que sopram constantemente na mesma direcção, em certas paragens, e pelos quaes se espera para fazer viagem. Procede da palavra oriental *mousim*, que significa *estação propria, tempo opportuno*. Lucena na Vida de S. Francisco Xavier serve-se da mesma palavra nesta accepção. Moraes define o vocabulo *monção*: — *tempo do anno em que crusam ventos geraes em certas costas e alturas, no qual se navega para certas paragens*. Fr. Antonio das Chagas tomou-a em sentido figurado por *ocasião opportuna*. Arraes diz no mesmo sentido *seguir as marés e monções da nossa vontade*.

na Índia, Siam e paizes contiguos se sente muito maior calor que no oceano. O ar d'aquellas regiões ao rarefazer-se em summo grau eleva-se, e para manter o equilibrio acode o ar mais fresco e pesado do oceano produzindo um vento sudoeste; mas quando o sol passa o tropico de Capricornio, a terra das ditas regiões esfria gradualmente, reassumindo o vento noroeste o seu curso natural. Do mesmo modo tem lugar a monção noroeste no hemispherio do sul, pela rarefacção do ar sobre a Nova-Hollanda. As monções no Mar-vermelho, e os ventos periodicos no canal de Moçambique, costa do Brasil, e bahia do Panamá, podem explicar-se como effeitos de identicas causas.

Os ventos *terrestres*, tão communs nas ilhas e costas situadas entre os tropicos, são outra especie de ventos periodicos. Os raios do sol aquecem muito o ar da terra durante o dia, e augmentando-lhe a rarefacção vem a brisa fresca do mar que o tempera; mas de noite resfria a atmospheria da terra gradualmente, e quando chega á sua propria ou regular temperatura corre o vento da terra para o mar. A brisa do mar começa em Cadix e costa d'Hespanha ás dez da manhã, e dura até ás seis ou sete da tarde; — uma ou duas horas depois principia um ventinho da terra que dura até ás sete ou oito da manhã, cessando então para deixar livre curso á brisa do mar. Estas brisas alternadas de mar e terra são muito mais regulares e fortes na costa do Malabar que em nenhuma outra parte, entrando mais de vinte leguas pelo mar dentro.

Temos até aqui tratado do movimento regular da atmospheria dentro dos limites de vinte e oito ou trinta graus a cada lado do equador. Fóra destes limites são os ventos extremamente variaveis e incertos, e não ha observações em que possa fundar-se uma theoria para explica-los. Todavia póde suppor-se que o movimento mais frequente da atmospheria na zona temperada do sul é o do lado noroeste. Advirta-se que fallamos aqui dos ventos do mar, porquanto os do interior dos continentes estão sujeitos a tanta mudança de circumstancias que seria inutil procurar descobrir-lhes as causas.

As *borrascas*, *temporaes*, *vendavaes*, ou ventos desfeitos tem a mesma origem que os furacões; porem aquellas são mais frequentes nas latitudes altas, e duram mais que os furacões, e estes raras vezes se experimentam fóra dos tropicos, sentindo-se communmente nas costas e ilhas aonde sopram com furia quasi incrível para os que não estão familiarizados com o horror que elles inspiram. As ilhas occidentaes; a costa occidental de Madagascar; as ilhas de Mauricio e Bourbon; a bahia de Bengala, e a costa da China tem sido varias vezes, durante a mudança das monções, o theatro do furor devastador de tão desenfreado elemento. Muitos naturalistas supõem que os furacões tem uma origem electrica que fórma na atmospheria, quasi instantaneamente, o grande vacuo para onde corre o ar immediato com grandissima rapidez, e algumas vezes o de dois pontos oppostos; e que o mesmo ar baixando á terra e girando para uma e outra parte, derriba casas, arranca arvores pela raiz, e causa durante o seu curso todo o genero de devastação.

Os turbilhões ou redemoinhos teem acção mais limitada que os furacões. Algumas vezes são causados pelos ventos que, correndo por entre montanhas altas e escarpadas, estas os obrigam a tomar certa direcção, fazendo-os baixar á terra com um movimento espiral: — é em virtude disto que se lhes dá o nome de redemoinhos. Comtudo o que mais frequentemente origina os turbilhões é o encontro dos ven-

tos contrarios no mesmo angulo. Se quando tem lugar semelhante encontro ha alguma nuvem interposta, condensa-se e move-se circularmente com summa velocidade. As substancias ligeiras que entram no redemoinho são arrojadas ao alto, e giram logo sobre um centro.

#### A BIBLIA.

A HISTORIA da Biblia principia na creação do mundo e acaba na morte dos Machabeus. A versão grega, chamada dos setenta, appareceu no anno 284 antes de Christo: — a versão latina foi feita por S. Jeronymo no anno de 300, e dividida em capitulos em 1253. Em 1753 permittiu o papa que a traduzissem nos idiomas dos estados catholicos.

#### *Antigo e novo Testamento.*

	<i>Antigo.</i>	<i>Novo.</i>	<i>Total.</i>
Livros . . . .	52 . . .	27 . . .	79
Capitulos . .	1:112 . . .	260 . . .	1:372
Versos . . . .	28:295 . . .	7:959 . . .	37:254
Palavras . . .	717:678 . . .	18:125 . . .	898:931
Letras . . . .	3:304:356 . . .	338:380 . . .	4:142:736

A Biblia grega foi traduzida em 139 linguas.

#### A JUSTIÇA NA PERSIA.

Os PERSAS seguiam por tradição esta maxima verdadeiramente caritativa: — *que para ser bom bastava praticar a maior parte do bem.* Por isso, a pessoa accusada e convencida de ter transgredido as leis não era immediatamente condemnada; pelo contrario nomeava-se uma junta, que examinava, quanto podia, os actos da vida do réu, a fim de ver se nelle predominava a boa ou má indole. Se o bem pesava mais do que o mal era elle absolvido, ou quando muito ligeiramente castigado; porem se o mal carregava na balança dava-se execução á sentença em conformidade com a lei.

#### CALCULO A RESPEITO DA ILLUMINAÇÃO DE LONDRES.

O CONSUMMO de carvão de pedra só para o gaz d'illuminação na cidade de Londres reputa-se em 250:000 toneladas, de vinte quintaes cada uma, por anno, que produzem duzentos e quarenta milhões de pés cubicos de gaz, que pezam duzentos e setenta e cinco milhões de lib. francezas: isto é 293:276:500 arrateis portuguezes. — A illuminação corresponde a cento e sessenta milhões de libras de velas, de seis em lib., que a rasão de 50 centimos [80 réis] a lib., custariam oitenta milhões de francos, isto é, trinta e dois milhões de cruzados.

*Mag. Univ. de 1839.*

O que se faz de injuria aos máus, tratando de seus vicios, se faz de agravo aos bons, calando as suas virtudes.

Grande abonação é da virtude entre os bons ser bom e melhor entre os máus.

Committer uma ignorancia ás vezes aos prudentes acontece, porem o sustenta-la e defende-la é só dos nescios.

*Fr. Christ, Osorio, Pros, Hist, da Pancarpia.*



A NOIVA DA ALDÉA.

DAMOS hoje a cópia reduzida d'um quadro de Greuze, pintor da escola franceza do seculo passado, e que nasceu em 1726. A mãe e o pai da noiva, se despedem de sua filha entregando-a ao esposo mancebo; as physionomias e as posturas das personna-

gens são muito expressivas e ao mesmo tempo naturaes nesta pintura: encosta-se ao hombro direito da noiva uma rapariga toda chorosa, que parece ser irmã, que fica cheia de saudades e porventura d'inveja; a figura do tabellião é muito notavel, e não

menos o é a cara bochechuda d'um rapaz que, firmando-se nas costas da cadeira da velha, estende quanto póde o curto e roliço gasnete para dar fé do que se passa, e olha para a scena, de que não víra igual na casa paterna, com modos de pasmado e quasi estupidamente.

Quasi todas as obras de Greuze representam acções moraes ou quadros campestres, como o *Pai Paralytico*, a *Maldição Paternal*, o *Regresso do Caçador*, &c.: não costumava procurar assumptos na mythologia e na historia, ia sempre busca-los ao interior das casas pobres, sob o colmo da choupana do singelo lavrador; possuia sobretudo em summo grau a arte d'ennobrecer o *genero rustico* sem lhe alterar a simplicidade; nada tomou do *estyllo e genio* dos artistas, que o precederam, pelo menos no que toca ao espirito e gôsto das suas composições. Todos os seus paineis respiram vida e sensibilidade, e são mui dignos d'attenção pela disposição picturesca das figuras. Alguns lhe notaram os defeitos de reproduzir em todos os quadros quasi sempre as mesmas cabeças, de falta d'elegancia no desenho dos corpos, de mau gosto nas roupagens: todavia as cabeças são tão expressivas e admiravelmente acabadas que nenhum pintor francez do seculo passado o igualou neste ponto; o desenho é vigoroso e correcto, e as *carnes* extremamente bellas.

O pai de Greuze não o destinava á profissão das artes, mas debalde lhe vedava rabiscar cadernos de papel, encher de traços de carvão as paredes, a inclinação podia mais que tudo; e na contenda entre pai e filho metteu-se de permeio um pintor de Leão, chamado Grandon, que foi o primeiro mestre de Greuze, levando-o para sua casa e dando-lhe lições de miniatura, em que o discipulo muito aproveitou, até pôr-se em estado de ganhar a vida pelo seu trabalho. Porem como era extremamente modico o lucro que recebia dos retratos que tirava, determinou Greuze subir a genero mais nobre; e frequentou em Paris na academia das artes o estudo de modelos: não tinham feito muito caso delle os professores, e quando appareceu com o seu excellente quadro do *Pai de familias* explicando aos filhos a Biblia, todos duvidaram de que podesse ser uma obra tal o primeiro ensaio d'um pintor obscuro, e ainda mais de que fosse seu auctor quem a appresentava. Respondeu Greuze a estas suspeitas e desprezos com outras obras igualmente bellas, e talvez mais perfectas; e então os mestres e amadores lhe reconheceram o talento e subiu de ponto a sua reputação. O quadro do *Cego enganado* lhe franqueou a admissão a membro da academia; e os paineis que appresentou nas exposições publicas lhe deram grande voga e credito. Tinha este habil pintor quasi concluidos os oitenta annos quando o arrebatou a morte a 21 de Março de 1805.

#### TANGERE — IMPERIO DE MARROCOS.

3.<sup>o</sup>

A MAIS solemne das festas destes mouros celebra-se no principio do anno novo: concorrem os arabes e vizinhos de vinte leguas em redondo para festejarem o governador de Tangere: em Janeiro de 1839, segundo assegura Mr. Genthon, passavam de dez mil os individuos que vieram á função. Antes delles chegarem, o pachá ou governador tinha mandado avisar a todos os consules europeus para que defendessem aos subditos das suas respectivas nações o comparecer nas ruas em similhante occasião, e por espaço de oito dias, que as festas duravam, e que

nem sequer viessem ás janellas, asseverando que não respondia pelo que acontecesse se o contrario praticassem. Casos desastrosos tem succedido por falta de prudencia, e alguns europeus já pagaram a sua ousadia ou curiosidade, sem haver outro motivo senão o gosto que tem aquelles mouros em matar um christão, porque assentam que é acção meritoria perante Deus, e muito do agrado do propheta. A testemunha ocular, a quem sempre nos temos referido, diz que na epocha citada, no acto de passar o pachá, á testa daquella bravia gente, dando volta á cidade, zuniu uma bala de mosquete ás orelhas do consul geral da Suecia, que estava com o proprio Mr. Genthon n'um mirante que dava vista para a cidade, e que em seguida vieram mais duas balas partir as vidraças. Quando no dia immediato o consul se foi queixar ao pachá, respondeu-lhe este mui sizudamente: — «a culpa é tua, porque se tivesses obrado como todos os mais christãos, tal te não succedêra: mas, como eu sou justiceiro, diz-me quem são os culpados que eu lhes mando cortar a cabeça na tua presença.» — Bem é de crêr que não era facil designar os culpados, e que ainda hoje não é possivel saber quem o fosse.

Mas se os leitores acharem machiavelica esta resposta, temos para contar-lhe outra dada pelo imperador em pessoa, que é muito mais curiosa; e pouco tempo havia que se passára o facto. Foi-se-lhe queixar um agente consular que recebêra uma bofetada da mão d'um arabe: — «Christão [lhe disse o imperador] o teu propheta ordena-te que quando te ferirem n'uma face offerecerás a outra: tu que não observas este mandamento és mau christão: então de que vens queixar-te?...» —

Nas quatro solemidades musulmanas fazem-se os presentes; e não são os ricos que os dão, são os pobres; vão em escala ascendente da classe inferior para a superior, acabando no pachá que presenteia o imperador, unico que a ninguem faz offertas: os consules e negociantes europeus sujeitaram-se a esta costumeira, e fizeram bem, porque muito teriam que soffrer d'embustes e trapaças se não acudissem com o lenitivo universal, que é offerecer dadas. Estas consistem quasi sempre nos mesmos generos e no mesmo valor das antecedentes; é uma especie de fóro ou tributo: com meia duzia de pães d'assucar, dez libras de chá, outro tanto de café, algumas varas de panno azul, uns poucos de lenços de seda de assoar para as mulheres, e de ordinario um jogo de louça de pó de pedra fino para servir café, está cumprido o presente. Mas alem destas dadas d'obrigação, outras ha nascidas das circumstancias, quando se reclamam direitos, ou privilegios commerciaes: porque naquella paiz nada se vai pedir com mãos vazias, e sempre a esportula é proporcionada á importancia do negocio. Quando algum negociante, ou outra qualquer pessoa dirigir uma petição ao imperador, tenha a certeza que no fim do despacho preliminar hade achar esta phrase formular: — «o santo, illustre, e tres vezes poderoso, sultão Muley-Ismael, a quem Deus guarde, e o seu fiel servo, Bendris, humilde instrumento das suas vontades, se portarão contigo como tu te portares com elles.» — Este Bendris é o primeiro ministro do imperador, e conta-se que o *humilde instrumento* faz o que quer, com pouca differença, no que toca ás deliberações de seu amo.

O commercio em Marrocos consiste principalmente em generos d'exportação, como laãs, pelles de cabra habilmente preparadas com o nome de *marroquins*, cereaes, &c.: a importação pouco vale, porque no paiz não ha luxo. Quem commercia são

quasi exclusivamente os judeus indigenas e os europeus. Porem o imperador é o primeiro negociante e banqueiro dos seus estados; favorece com illimitado credito aquelles dos seus subditos que entram no seu giro; e por isso sendo os direitos das alfandegas muito pesados custa muito a lutar contra este poder: alem do que faz aos mesmos grandes adiantamentos, ainda que sempre é capitalista que empresta fundos e que levanta os juros como e quando quer: por exemplo, se lhe dizem que um dos commissarios não é seguro, lança-lhe logo mão de tudo, bens e fazendas, e se o miseravel repugna, manda-lhe cortar a cabeça: de maneira que com um socio tão temivel, os que teem amor á vida tratam de não espediçar, mas de ajuntar, para estarem sempre correntes com a satisfação de lucros exorbitantes e cobrados peremptoriamente: quasi todos estes agentes ou commissarios do imperador são judeus da terra; porque os mouros geralmente se não occupam em commerciar; os que são ricos nada fazem, e os pobres empregam-se em officios mechanicos, e nos campos na cultura.

Mui limitados são os divertimentos em Tangere. Quem gosta da equitação regala-se de ver formosos cavallos, mas difficiloso lhe é obte-los de boa casta, porque geralmente os proprietarios antes quereiam morrer de fome do que vendê-los. Se acontece sahir um europeu montado n'um excellente cavallo, que fosse comprado no sertão, todos os arabes da cidade praguejam a cada hora o musulmano infiel que vendeu tão boa cavalgada a um *giaiur*, e em alta voz exprimem seus desejos de que o animal deite a carga fóra e derrêe o cavalleiro: quando elles começam com esta perlenga o melhor expediente para que se calem é jogar-lhe meia dúzia de chufas e de improperios em arabe; porque se o europeu simular que os não ouve, conte que é seguido e perseguido com uma ladainha interminavel d'insultos que sempre remata com o dicitio do estilo — «passa fóra, que teu pai era carneiro!» — sendo esta phrase tão ignominiosa para os arabes, como o chamar perro ou cão a qualquer judeu: e por isso os europeus tambem usam muito della para se verem livres de similhante canalha. Nos casos em que nem as injurias de grosso calibre tem efficacia, o recurso final é ameaça-los com o pachá, que então ou se riem, mas cortejam humildemente, ou fogem á desfilada.

Depois do passeio a cavallo outro passatempo para os estrangeiros é a caça, que ha em grande abundancia, porque os naturaes caçam mui pouco, e teem para si que os da Europa são uns asnos em desperdiçar polvora com uma perdiz ou um coelho, e que melhor era guardar as munições para matar homens; e esta opinião mantem com toda a caridade musulmana, que neste ponto nada fica devendo á dos phariseus. Todavia o recreio da caça é exposto a alguns inconvenientes, porque a belleza das armas dos europeus excita a cobiça e admiração daquelles semi-barbaros. Mr. Genthon atirava uma tarde ás cotovias, quasi ao pé da porta da cidade; não se fartavam os mouros d'admirar a espingarda, que elle trazia, que era das que se carregam pela culatra: mas em alguma distancia da cidade é preciso desconfiar muito dos gabos e louvores dos taes admiradores, porque no meio de grandes exclamações e enthusiasmo rodeam quatro ou cinco arabes o caçador, e se o apanham distraido um delles arranca-lhe a arma das mãos, e deitando a fugir ligeiramente não ha meio de o alcançar, porque os outros fazendo muita algazarra fingem perseguir o ladrão, e vão tambem correndo até desapparecerem, deixando estupefacto e indeciso, mas roubado o dono da espina-

garda: pelo que é preciso a maior cautela em não deixar chegar muito ao pé nenhum dos taes lisongeiros, que apesar de não terem lido a passagem em que la Fontaine diz que *todo o adulator vive á custa de quem lhe dá ouvidos*, sabem muito bem desempenhar esta doutrina, e em descaramento poderiam dar lições aos mais refinados gatunos da Europa.

As armas dos marroquinos assemelham-se ás dos outros povos da Berberia, mas são mais grosseiramente afeigoadas; constam d'espingarda de cano extremamente comprido, e do allange que, em geral, em vez de ser curvo para dentro como o *yagatan* dos argelinos, o é para fóra como as espadas da nossa cavallaria ligeira.

MEMORIAL DOS SERVIÇOS DO CHRONISTA-MOR,  
FR. FRANCISCO BRANDÃO, APRESEN-  
TADO A ELREI D. JOÃO 4.<sup>o</sup>

ACHAMOS tão interessante este documento, que vem incorporado n'uma memoria sobre os escriptos deste nosso douto historiador, inserta no Tom. X das da Academia, que o transcrevemos: e por elle podem os leitores ajuizar da importancia e encargos dos honrosos officios de chronista-mor do reino e de guarda-mor da Torre do Tombo. —

— «O doutor Fr. Francisco Brandão, chronista-mor do reino, representa a Sua Magestade as rasões que tem para ser provido no officio de guarda-mor da Torre do Tombo.

«Primeiramente, crearam o tal officio os senhores reis de Portugal annexo ao de chronista, e nesta o tiveram Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, o doutor Vasco Fernandes, Rui de Pina, Fernão de Pina seu filho, e Damião de Goes (1). Por esta causa disse João de Barros, decada 2.<sup>a</sup> liv. 2 cap. 2, fallando do que obrou o chronista Gomes Eannes ibi: *por ser guarda-mor da Torre do Tombo, officio mais proprio dos chronistas, &c.* A causa de se prover em pessoa distincta do chronista foi porque aquelle logar não póde estar vago, pelo continuo curso de papeis que deve despachar, e assim acudiam a provê-lo logo; e depois que se achava pessoa habil para chronista, como o logar de guarda-mor estava occupado, não havia occasião para se lhe incorporar. Isto continuou até vagar por morte de Diogo Castilho, na qual occasião o doutor Fr. Antonio Brandão, que então era chronista, pertendeu logo o logar; e ainda que lhe acharam rasão, não foi ouvido, por certo respeito que não convem declarar-se neste papel.

«Proveram então o doutor Manuel Jacome Bravo, e lhe succederam Gregorio Mascarenhas Homem, Christovão Cogominho, Christovão de Mattos de Lucena, e o doutor João Pinto Ribeiro (2); servindo Manuel Jacome, morreu o doutor Fr. Antonio Brandão; e eu fui provido no officio de chronista por V. Magestade servindo de guarda-mor o doutor João Pinto; por sua morte me oppuz ao logar de guarda-mor, mas já a V. M. pareceu conveniente que se provesse no prior de Bucellas, hoje defunto.

«Repetindo a mesma pertença accrescento que este logar pede sufficiencia, e noticia dos papeis do archivo da Torre, e não haverá pessoa que te-

(1) Vid. as noticias e juizos criticos ácerca destes chronistas a pag. 196, 249, 346 do vol. 3.<sup>o</sup> e 15 do presente: assim como especialmente sobre Damião de Goes a pag. 110 do 1.<sup>o</sup>

(2) Pinto Ribeiro foi um dos principaes agentes da gloriosa restauração de 1640.

nha vinte annos de assistencia nelle, como eu, que o revolvi varias vezes, e tenho copiado delle a maior parte, e disto dará testemunho o escrivão da Torre. Necessita mais este logar de confidencia, e ainda que em todos os sujeitos a haja capaz de maiores logares, a nenhuma pessoa convem mais que a mim a guarda de tudo; porque escrevo citando os papeis daquelle archivo, e se faltarem nelle julgar-me-hão por impostor e falsario. E que seja necessaria confidencia e vigilancia se mostra da proxima damnificação do mesmo archivo, alem das passadas.

«Accresce que o meu officio de chronista pede continua assistencia na torre; e tendo eu assistencia por esta via, desnecessaria é outra pessoa que assista como guarda-mor, podendo eu fazer tudo e tendo a maior intelligencia.

«Alem disto tenho impressa [sem custo da fazenda de S. M.] a quinta parte da Monarchia (3) e tenho revista a sexta parte para se dar á impressão, sem se me darem papeis alguns dos chronistas passados, isto alem de outros papeis que tenho impressos, como o foram o gratulatorio a S. M., o conselho da senhora D. Filippa, e o do assassinio que se intentou contra S. M.; e outros mais. Este serviço, que parece de rasão tenha recompensa, quando V. M. o queira remunerar com o cargo de guarda-mor, que é o instrumento para melhor servir no de chronista, não parecerá cousa dissonante maiormente que todos os sujeitos que se propõem a V. M., ou sejam de capa e espada, ou togados, ou de barrete, póde V. M. acrescentar com governos, commendas, officios, logares de tribunaes, igrejas do padroado, e por outros caminhos que a mim não competem; e na jerarchia de chronista tenho ascenso só ao de guarda-mor, que lhe é tão conjuncto.

«É rasão que tambem seja presente a V. M. que, nas controversias da restituição de V. M., o mais furioso que se allega contra a intrusão de Castella é fundado no que se averiguou na 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> partes da Monarchia; e nas que estão para se imprimir se vai roborando com urgentes fundamentos, deduzidos da certeza do facto, todos os casos de que Castella quer valer-se, sem a qual certificação não podem os juristas fundar rasões firmes. Assim que não deve estranhar-se pertender o logar de guarda-mor da Torre, pois mais que todos tenho servido nella, e do que neste archivo e em outros tenho alcançado, resulta a confirmação da justiça de S. Magestade, com tanto acerto investigada e averiguada. Mas do acerto da resolução de S. Magestade penderá o que mais convier ao seu real serviço.»

#### NAPOLEÃO A BORDO DO BELLEREPHON.

O CAPITÃO Maitland publicou uma pequena obra sobre a estada de Napoleão a bordo do Bellerephon; e nós vamos fazer conhecer aos nossos leitores algumas passagens daquelle obra. — Começa por expôr a serie de medidas tomadas por lord Keith para aprisionar Napoleão se elle tentasse, como alguém suppunha, evadir-se por Bordeaux, Rochefort, a ilha de Aix ou algum outro porto visinho. Seguem-se depois na narração do capitão Maitland as negociações entabuladas a bordo de um parlamentar por Savary e Las Casas, e finalmente a vinda de Napoleão para bordo da maneira seguinte: — «Napoleão largou do = Epervier = brigue de guerra francez; a equipagem deste não cessou de lhe dar vivas em

(3) Falla da Monarchia Lusitana, corpo d' historia nacional, devido inteiramente á Congregação dos Monges de S. Bernardo, de Alcobaca.

quanto o avistou, e M. Mott, 1.<sup>o</sup> tenente do Bellerephon, que estava com um oculo, me attestou que todos os olhos estavam arrazados de lagrymas; officiaes e marujos do brigue todos mostravam a maior afflicção: á chegada a bordo do Bellerephon não se lhe fizeram as honras de guerra, porque o governo inglez tinha dado ordem que somente no caso de ser aprisionada a pessoa de Napoleão fosse transferido para bordo dos navios de S. Magestade. O capitão Maitland deu-lhe por isso uma satisfação, dizendo o que era verdade: — que a bordo dos navios de guerra inglezes não se salva antes das oito da manhã, nem depois do sol posto. Napoleão logo que subiu o portaló foi direito ao castello da pôpa, e disse com voz firme: = eu venho aqui acolher-me á protecção das vossas leis e do vosso soberano.

A bordo do Bellerephon Napoleão mostrou sempre o maior socego de espirito; tinha toda a esperanza de que o deixariam viver em Inglaterra como simples particular; suspeitou um tanto o contrario quando chegou ás costas de Inglaterra, e isto pela leitura dos jornaes, percebendo que o mandariam para Santa Helena; e todavia quando a fatal noticia lhe foi communicada officialmente elle a recebeu com grande constancia. — Eu estava convencido que nesse dia Napoleão não faria o seu passeio costumado sobre a cuberta; porem qual foi a minha admiração vendo-o a meu lado! Ao jantar a sua conversação foi como costumava ser; em fim o imperio sobre si mesmo era tal que nos pareceu absolutamente o mesmo que nos dias antecedentes.

O governo inglez tratava e mandava tratar Napoleão como «general Buonaparte»; a este respeito elle dizia: — na verdade tanto me podiam dar tratamento de general como de arcebispo; porque se eu fui chefe do exercito francez, tambem fui chefe do clero de França. Napoleão [diz o capitão Maitland] era um homem robusto e bem proporcionado; tinha pés muito pequenos, e parece que nisso tinha alguma vaidade, porque sempre andava de çapatos e de meias de seda; suas mãos eram refeitas, e de pelle tão fina que mais pareciam de senhora do que de homem, os olhos de um pardo claro, os dentes muito bellos; quando se sorria para alguém a expressão da sua phisionomia era muito agradavel, mas fazia-se sombria e severa quando experimentava alguma sensação penosa; seus cabellos castanhos-escuros eram bastante raros no alto da testa, mas sem mistura de brancos; a sua côr do rosto amarellada era tal que a não posso exprimir, e nunca a vi em ninguem: era gordo; seus habitos pareciam denotar moleza, porque se deitava ás nove horas da noite, e se levantava ás nove da manhã do dia seguinte; as suas maneiras eram affaveis e seductoras em summo grau quando queria; em fim era tão senhor de si que os infortunios que choveram sobre elle a bordo do Bellerephon não foram capazes de lhe arrancar nem uma só palavra de queixa!! A obra do capitão Maitland é interessante, e conta muitas outras anedotas que omittimos. O auctor conclue com a sua justificação, affirmando não ter recebido a seu bordo Napoleão com condigões que não fossem observadas (\*).

X. d'A.

POUCA consciencia e muita industria fazem o homem rico.

DIVERTE-TE quanto poderes neste mundo; mas foge de ter que chorar no outro.

(\*) Esta asserção do capitão está desmentida pela maioria da historia contemporanea.